

Marcelo Motta Delvaux



Cartografia imaginária do sertão

A crença reiterada na existência de territórios lendários consagrados pela tradição incendiou o imaginário dos exploradores que adentraram o sertão, mesmo depois da descoberta do ouro nas Minas Gerais, em busca de suas riquezas fabulosas, incorporando à cartografia mítica da América Portuguesa novos lugares fantásticos.

> A palavra sertão foi utilizada, desde os primeiros anos de ocupação da América Portuguesa, como uma denominação imprecisa e indistinta para a imensidão desconhecida que se estendia além das terras litorâneas onde os portugueses estabeleceram os primeiros núcleos de povoamento. Além das noções de lugar inculto, deserto, despovoado ou temerário, as representações sobre o sertão, durante os séculos XVI e XVII, foram influenciadas pelas crenças sobre a existência de tesouros magníficos, e ainda não revelados, em pontos recônditos do território, levando ao surgimento de diversos lugares imaginários, como a montanha de prata conhecida pelo nome indígena Sabarabuçu e a Serra das Esmeraldas,¹ avidamente procurados por aqueles que se aventuravam pelas áreas incógnitas. Ao longo do Seiscentos, a prata e as esmeraldas, mais do que o ouro ou os diamantes, foram as riquezas mais cobiçadas pelos exploradores.

Enquanto nos mapas e relatos a Serra das Esmeraldas situava-se, geralmente, próxima a um afluente da margem esquerda do Rio Doce,² as jazidas de prata eram noticiadas em locais diversos e geograficamente dispersos, como em Paranaguá, em Sorocaba, nas imediações do Rio São Francisco e nas capitanias do Norte. A difusão dessas crenças fazia com que outras minas de prata fabulosas, além das do Sabarabuçu, fossem incorporadas à geografia mítica do sertão, a exemplo das minas de Itabaiana.

Apesar dos repetidos fracassos das expedições, a esperança de se encontrarem as minas imaginárias de prata e esmeraldas permanecia viva no final do século XVII, período da descoberta dos ribeirões auríferos na região posteriormente conhecida como Minas Gerais. Em um relatório escrito em 1692, o governador da Capitania do Rio de Janeiro, Antônio Paes de Sande, se refere às minas de Paranaguá, Itabaiana e Sabarabuçu como um “thezouro, que a natureza e a fortuna depositou com mais proprio direito para os que

primeiro povoaram as terras donde se escondem”.³ Além da tópica do “tesouro oculto”, o relatório do governador também reproduz outros *topos* discursivos, caracterizados pelos motivos edênicos largamente empregados pelos cronistas, desde o século XVI, para a apresentação da natureza brasileira.⁴

São estes motivos que aparecem na descrição, feita por Antônio Paes de Sande, das terras onde se assentava a vila de São Paulo:

A excellencia do clima, dos ares e do temperamento se infere bem de não haver até hoje alli medico algum. Tem todas as flores, frutas, legumes e pam, que ha em Portugal, e no Brazil em grande abundancia, por a terra ser fecundíssima [...]; de maneira que produz aquella regiam tudo o que a natureza humana pode appetecer para o sustento e para o regalo; assí como as influencias della geram ouro nos serros, e nas arêas de que se tira, parece geram tambem nos homens os espiritos generozos que nelles ha.⁵

A influência do clima na produção dos metais combinava-se com a concepção de uma suposta vizinhança entre o Brasil e o Peru, famoso por sua abundância em riquezas minerais, reforçando a imagem dos tesouros ainda escondidos no sertão. Comentando o relatório do governador do Rio de Janeiro, Sebastião Cardoso de Sampaio oferece a seguinte hipótese sobre a existência da prata:

[...] de haver minas de prata no mesmo Estado do Brazil não ha mais probabilidade que a tradição que se conserva entre alguns moradores das capitanias de S. Paulo e da Bahia de que já em algum tempo se achava este metal nas serras de Tabiana e Sabarabussú, e a circunstancia de confinar o Brazil pelo sertam de Pernambuco athe o Rio da Prata, e com o Reino do Perú, e

concorrerem as serras de Tabiana e Sabarabasu debaixo da mesma altura e pararello, como o celebrado cerro de Potosy que he a fonte de prata inexausta que tem inundado todas as quatro partes do mundo, donde se conjectura que sendo a producção de todos os metaes effeito do calor e actividade do sol pela igualdade da altura e pararello participarão aquellas serras das mesmas influencias.⁶

Presumidamente localizados na mesma latitude que a rica montanha de Potosí, lugares imaginários como Sabarabuçu e Itabaiana estariam sujeitos a ações similares do clima, especialmente os efeitos do sol, comprovando a suntuosidade de suas minas. A edenização da natureza brasílica reforçava a ideia da realidade dos metais preciosos, com os elementos naturais sendo interpretados como signos da presença divina e dos segredos da terra ainda não revelados.⁷

O descobrimento do ouro nas Minas Gerais, na mesma época em que Antônio Paes de Sande e Sebastião Cardoso de Sampaio elaboravam seus pareceres, não provocou um esgotamento das representações imaginárias sobre os tesouros do sertão, como talvez se pudesse suspeitar. Além de proporcionar condições renovadas de reprodução dos motivos edênicos consagrados pela tradição, a sanha exploratória trazida pelas novas lavras incorporou à cartografia mítica da América Portuguesa novos lugares fantásticos.

O mapa do padre

O mapa do padre Cocleo,⁸ produzido por volta de 1700, mostra em minúcias não somente os principais marcos geográficos, como rios e montanhas, ou a posição das áreas mineradoras, incluindo suas vilas, arraiais e caminhos de acesso, mas também diversas

referências míticas herdadas do imaginário do sertão.⁹ Estão assinalados lugares como o Saberábosu, a Serra das Esmeraldas e, até mesmo, a Serra Resplandecente quinhentista, uma das primeiras montanhas lendárias surgidas no Brasil, que no mapa recebe a denominação de *luituberaba monte q' resplandece*. A Serra Resplandecente, é importante observar, pode ser considerada o mito originário das montanhas fabulosas do século XVII, como a Serra das Esmeraldas ou o Sabarabuçu,¹⁰ havendo uma correspondência etimológica entre esta última e a *luituberaba monte q' resplandece*.¹¹

A representação individualizada e simultânea dessas serras talvez seja um indício da intenção do autor em coligar, situando-os em um espaço cartográfico determinado, os principais locais imaginários onde as riquezas do sertão supostamente se encontravam. Além das afamadas montanhas concebidas nos séculos anteriores, é possível encontrar resquícios de outras concepções míticas tradicionais em alguns detalhes do mapa. Um monte retratado nas proximidades da luituberaba, denominado de *Itapuca Pedra q' estara*, remete a uma antiga lenda sobre rochas que arrebatavam com grande estrondo, despreendendo pedras e metais preciosos. Tal lenda era disseminada desde o século XVI, como se percebe nas notícias registradas por Gabriel Soares de Sousa:

Afirmam os índios tupinambás, os tupinaés, tamoios e tapuias e os índios que com eles tratam neste sertão da Bahia e no da capitania de São Vicente, que debaixo da terra se cria uma pedra do tamanho e redondeza de uma bola, a qual arrebeta debaixo da terra; e que dá tamanho estouro como uma espingarda, ao que acodem os índios e cavam a terra, onde soou este estouro, onde acham aquela bola arrebetada, em quartos como romã, e que lhe saem de dentro muitas pontas cristalinas do

tamanho de cerejas, as quais são de uma banda oitavadas e lavradas mui sutilmente em ponta como diamante.¹²

Também se encontram vestígios dessa crença nas descobertas do ouro nas Minas Gerais:

No fim do seculo passado andando os Paulistas a conquista do gentio que aquellos certoins povoavaõ, e heraõ os escravos de q' se serviaõ alojandose as margens de hum Ribeiro do Territorio de Minas Geraes presentiraõ de noute hum rumor que acontece haver nas parages donde ha ouro por oculta cauza athe agora de ninguem avriguada: e adevertidos que nas colinas do Corurupêba o mesmo abservavaõ ao subsequente dia se dispuzeraõ a minerar e acharão o pr.^o ouro que se manifestou na serra de Guâripirângua em tanta copia que lhes teve mais conta comprar com o q' tiravaõ Negros que divertiremse a cativar Indios.¹³

Indicadores de riquezas

Outro exemplo é fornecido por uma serra figurada nas proximidades do Rio das Mortes com o nome de Saberá Bucusurana, cujas propriedades magníficas são atestadas pelo médico José Rodrigues de Abreu algumas décadas depois:

[...] todas aquelas vastas, e numerosas montanhas são montes de Ouro, e de metaes preciosos, que não só a especulação do discurso, mas tambem a versão da experiencia tem examinado estarem cruzadas de grocissimas betas de Ouro, de Prata, de Cobre, de Ferro, de Chumbo, e de Azougue, cujos cristaes se levantão, como alicerces de paredes, por todos

aquelles circuitos, mostrando os celebres metaes ou málatias (como lhe chamão os mineiros Hespanhoes) indicão nas superficies summa riqueza para o centro, que ordinariamente são Rosicleres, Antimonio, e Caparroza. Estes mineraes, reputados por primeiras disposiçoens de grandes esperanças em outras partes, nesta passãõ de ensayos a desempenhos, porque logo demonstrão o que inculcãõ, e se achão nas serras de Saberãboçurana do rio das Mortes, e da Tapanhuãcanga das Minas geraes grandes haveres logo à vista.¹⁴

Os minerais encontrados na superfície das serras de Saberaboçurana e Tapanhoacanga, conforme o juízo do médico, possuíam a extraordinária capacidade de sinalizar a presença de grandes riquezas, desempenhando o papel de signo visível para os tesouros ocultos. É por isso, talvez, que os achados que se apresentavam como semelhantes a esses minerais despertavam um relativo interesse, como a pedra descoberta por Manoel de Barros em Goiás:

Agora chegou aquy um M.^{el} de Barros, que acompanhou o descobridor dos Goyazes, o qual fez pelos mesmos Goyazes uma entrada no mato, mais proximo a Sam Paulo adonde achou uma especie de pedra semelhante a que chamaõ Tapinhoacanga de que trouxe amostra, sem conhecimento do que era, mais que pelo tinir, sem apenas mostrar vizos do ouro.¹⁵

Outra possível alusão a elementos da geografia mítica do sertão encontra-se na montanha denominada *M. q^o vai ao Sol*, localizada próxima ao Rio dos Ilheos, ao lado de um lago sem nome. Friedrich Renger sugere a possibilidade de que essa lagoa fosse, talvez, a lendária Vupabuçu.¹⁶ A crença na existência de lagoas riquíssimas em ouro no interior do Brasil manifesta-se

Parte do Mapa da maior parte da costa, e sertão, do Brazil (extraído do original do padre Cocleo). Jacobo Cocleo [c. 1700]. Mostra as vilas paulistas, a nascente do Rio São Francisco e os caminhos que ligavam as duas regiões. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro.





Parte do *Mappa da maior parte da costa, e sertão, do Brazil* (extraído do original do padre Cocleo). Jacobo Cocleo [c. 1700]. Mostra as vilas paulistas, a nascente do Rio São Francisco e os caminhos que ligavam as duas regiões. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro.

em fontes portuguesas e espanholas desde o século XVI. Apesar da diversidade de denominações, a similaridade das descrições feitas por cronistas e exploradores como Hernando de Ribera, Gandavo, Gabriel Soares de Sousa e Juan López de Velasco parece indicar que se tratava de uma mesma tradição.¹⁷ Nos documentos quinhentistas sobre a ocupação da região platina e do Paraguai, aparece um lago conhecido como Casa do Sol ou “lago onde dormia o sol”.¹⁸ Na América Portuguesa essa lagoa era, usualmente, situada na nascente do Rio São Francisco, sendo conhecida como Alagoa Grande, Eupana, Paraupava ou Lagoa Dourada e representada nos mapas como um lago gigantesco no centro do continente.

A partir do século XVII, a Serra das Esmeraldas e o Sabarabuçu passaram a ser o principal objetivo das expedições que adentravam o sertão e o grande lago central vai desaparecendo das representações cartográficas. Em meados do Seiscentos, as lagoas míticas deslocaram-se, nos mapas, para o leste do território, sendo retratadas, muitas vezes, ao lado de algumas serras fabulosas.¹⁹ O mapa de João Teixeira Albernás, *Demonstração da capitania do Espírito Santo até a ponta da barra do Rio Doce*, já exibía um lago sem nome aos pés da Serra das Esmeraldas.²⁰ A carta de Sergipe feita por Gaspar Barléu e Georg Marcgraf, em 1647, coloca nas proximidades da montanha Itabéraba, no curso de um afluente do Rio São Francisco, uma lagoa denominada Upabuçu Lagoa Grande.²¹ E é outra lagoa anônima que aparece no mapa de Vincenzo Maria Coronelli produzido no final do século XVII, ao lado da Serra do Sarabassu.²² Todas essas representações parecem estar em conformidade com o lago junto ao *M. qº vai ao Sol* do padre Cocleo, indicando tratar-se de um mesmo padrão figurativo oriundo do imaginário tradicional sobre as riquezas do sertão.

O Códice Matoso

Mas, enquanto o mapa do padre Cocleo se revela como uma compilação de lugares lendários consagrados pela tradição, outras fontes sobre os primeiros anos das Minas Gerais fornecem indícios sobre novos mitos que se irradiaram a partir da descoberta do ouro. Um relato do Códice Matoso conhecido como *Notícias dos primeiros descobridores das primeiras minas do ouro pertencentes a estas Minas Gerais, pessoas mais assinaladas nestes empregos e dos mais memoráveis casos acontecidos desde os seus princípios*, de Bento Fernandes Furtado, aponta um desses lugares míticos setecentistas, a Casa da Casca:

Ágil para semelhantes diligências e interessado a melhorar de fortuna mais pelo trabalho que pelo jogo, [Bartolomeu Bueno] se armou e dispôs para a empresa, convocando mais companheiros poderosos, que foram Miguel de Almeida, Antônio de Almeida e outros de que não há lembrança, na era de 1697, encaminhando a sua jornada a dita Casa da Casca que até hoje está por descobrir, por dois motivos: o primeiro, porque esta diligência teve outro efeito, como adiante diremos; o segundo, porque está povoado de bravos e orgulhosíssimos gentios, que têm impedido várias diligências que se lhes têm feito por outros bandeirantes. Estes, como dizíamos, indo na mesma diligência descobrir a Casa da Casca, acharam mostras de ouro na povoação que hoje é Itaverava, que já então assim a denominava o gentio – é vocábulo de língua brasílica que quer dizer pedra luzente.²³

A Casa da Casca parece ter sido conhecida já no século XVII, como se infere das informações sobre as antiguidades de Guarapiranga fornecidas por Luís José



SERRA DAS ESSENCERAS DAS LAGOAS



CAPITANIA DE PORTO SEGURO

Aldea dos Reis magos



Baía de Santo
E. de Taboão

R. das barreiras

R. dos magos

Riacho

Porto de Riachos

R. Das Águas
a Capitania de Porto Seguro

R. Cavalheiro

R. Guaraná

R. Cricaré

R. Guaraná

R. Macaíba

Ferreira de Gouveia à Câmara de Mariana, registradas em outro documento do Códice Matoso:

Na forma que Vossas Mercês me ordenam, acho que em 1691 saiu de São Paulo uma bandeira de paulistas, por capitães dela Francisco Rodrigues Sirigueio e Antônio Pires Rodovalho, com um roteiro para irem à Casa da Casca, e por ele chegaram a este rio de Guarapiranga no mesmo ano.²⁴

No entanto, não se conhece nenhuma fonte do século XVII que faz menção à Casa da Casca. As origens desse mito só podem ser resgatadas com base nas citações contidas na documentação setecentista.

Um aspecto importante, contido na declaração de Luís José Ferreira de Gouveia, diz respeito à existência de um roteiro para se chegar à Casa da Casca, confirmando, talvez, que esse lugar fazia parte das noções geográficas dos exploradores na segunda metade do Séculos. Outra pista interessante é fornecida pelo mestre de campo José Rebello Perdigão em seu relato, feito ao padre Diogo Soares, sobre as primeiras descobertas de ouro:

Pelas notícias que deram em S. Paulo os primeiros sertanistas, que vieram do descobrimento das esmeraldas com o capitão-mor Fernando Dias Paes, [...] se animaram os moradores de todas aquelas vilas a formarem uma tropa com o intento de buscarem e descobrirem a paragem, ou sertão da desejada casa da casca onde diziam era muito e precioso o ouro.²⁵

A crença na Casa da Casca, desse modo, pode ter surgido a partir da expedição de Fernão Dias, tendo sido incorporada à geografia mítica do sertão e aos conhecimentos dos sertanistas.

O ouro de Itaverava

Poder-se-ia, assim, aventar a possibilidade de que a Casa da Casca fosse uma referência contida nos antigos roteiros seiscentistas para o Sabarabuçu. Bento Fernandes Furtado comenta que a jornada à Casa da Casca, empreendida em 1697 por Bartolomeu Bueno, Miguel de Almeida e Antônio de Almeida, teve como resultado a descoberta do ouro em Itaverava, “vocábulo de língua brasílica que quer dizer pedra luzente”. Itaverava e Sabarabuçu, vale lembrar, possuem o mesmo significado, sendo o segundo vocábulo uma corruptela do primeiro, o que reforça esta hipótese.²⁶

O mestre de campo José Rebello Perdigão também assevera a descoberta do ouro em Itaverava por uma expedição a caminho da Casa da Casca:

Saíram estes do Povoado no verão de 1694, trazendo por seus primeiros cabos, Manoel de Camargo, seu cunhado Bartholomeu Bueno, seu genro Miguel d’Almeida, e João Lopes Camargo, seu sobrinho, que ainda hoje existe nestas Minas. Chegados a Itaverava fizeram na sua serra as suas primeiras experiências, e descobriram nela o primeiro ouro; mas como este descobrimento não fosse de grande lucro, prosseguiu o dito Manoel Camargo, com seu filho Sebastião de Camargo, a sua primeira derrota da ideada casa da casca.²⁷

Mas, além da Casa da Casca, outras montanhas fabulosas surgiram com os ribeirões auríferos. O capitão Luís Borges Pinto, após conduzir algumas diligências em busca da Casa da Casca, mudou os objetivos de suas pesquisas e passou a demandar a “célebre” Ibituruna:

[...] deixando tudo preparado e pronto para no ano seguinte fazer nova viagem com as

plantas das três roças pelas mesmas picadas antecedentes, e passar a buscar os Rios Arary, Prê e Pardo, e descer a ver na parte do norte a célebre Bituruna, onde dizem há muito ouro, e sítios capazes de uma boa povoação.²⁸

Um certo alferes Moreira apresenta um itinerário que estabelece a localização da montanha Ibituruna, por ele chamada de “Bituruna-guassu”, na região do Rio Sapucaí:

Do Sapucaí ao Morro da Esperança serão três dias: neste corta o Rio a Serra ficando-lhe esta sempre à mão direita; fronteira ao morro da Esperança fica o Bituruna-guassu, este morro exala fogo, e há muitas torrentes nele; dizem que tem muito ouro, e que pouco abaixo dele está uma boa aldeia de gentio.²⁹

Essa descrição do alferes confere a Ibituruna ares fantásticos, ao lhe atribuir a qualidade de exalar fogo. A relevância de seu relato vai além desse detalhe, pois o objetivo do percurso descrito é chegar a outro lugar “afamado”, o Morro da Esperança. Todos esses locais que passaram a povoar a imaginação dos sertanistas, motivando a realização de novas expedições, eram enaltecidos como riquíssimos em ouro: “Passado o Cururu cortei ao poente a buscar o Rio Grande com intento de empreender o descobrimento do Morro da Esperança, de que dizem os sertanistas antigos ter muito e excelente ouro”.³⁰

Geografia fantástica

A profusão das lavras de ouro parece ter sido um estímulo para a renovação da geografia fantástica brasileira. A descoberta das Minas Gerais, antes de levar a um esvaziamento do imaginário sobre as riquezas do sertão, acabou por enriquecer esse

imaginário com outros elementos míticos. Nas primeiras décadas do século XVIII, os novos referenciais lendários se caracterizavam como locais marcados pela copiosidade de seu ouro, como a Casa da Casca, a Ibituruna e o Morro da Esperança. Foi, principalmente, nos chamados “sertões do leste”, no espaço compreendido entre os rios Doce e Jequitinhonha e as áreas litorâneas, onde o maravilhoso geográfico se reinstalou.

É essa a região onde Bento Fernandes Furtado fixava a misteriosa Casa da Casca:

[...] promete avultadas esperanças para as cabeceiras do mesmo rio [do Cuieté], nas serras grandiosas donde nasce, e outros mais rios que, por ocupadas do gentio bravo e menos possibilidade do descobridor, se não conquista ou porque Deus é servido reservá-lo para melhor tempo do governo do sereníssimo senhor rei dom José, que Deus guarde, incorporando-se este descobrimento com o inculto da Casa da Casca, com cujas partes corresponde às cabeceiras e serras do Cuieté pelo larguíssimo sertão que há entre estas Minas e a costa do Brasil.³¹

As transformações observadas na cartografia imaginária do sertão ao longo do período setecentista, portanto, não corresponderam a um movimento de racionalização contínua do espaço geográfico. Em vez da substituição gradativa de uma geografia mítica por uma representação “científica” do espaço, seria mais adequado compreender a ocupação do território mineiro como um processo simultâneo de desencantamento e encantamento. O desencantamento se dava pela ocupação de áreas até então desconhecidas. O melhor exemplo é o Sabarabuçu, que, no início do século XVIII, deixa de designar a fabulosa montanha de prata para se associar às minas de ouro do Rio das Velhas, emprestando seu nome ao arraial de Sabará.³²

A permanência de zonas inóspitas e inexploradas, porém, fazia com que os mitos se deslocassem para aquelas regiões. Mas não somente os novos mitos, surgidos como um reflexo da exploração aurífera. Apesar da relativa abundância das lavras, com o ouro sendo extraído em quantidades jamais vistas até então na América Portuguesa, permaneceram o sonho e a cobiça pela prata e pelas esmeraldas.³³ Antigas lendas também acabariam por ressurgir no leste da nova capitania, como a Lagoa Dourada dos séculos anteriores. Os “sertões do leste” passariam, assim, a ser o alvo das novas entradas ao sertão, que almejavam, até a primeira metade do século XIX, a descoberta de locais como a Casa da Casca, a Ibituruna, a Serra das Esmeraldas, a Lagoa Dourada ou a Serra das Ametistas.³⁴

Notas |

1. Para uma análise detalhada sobre a geografia mítica do sertão, incluindo uma tipologia de seus lugares imaginários, ver DELVAUX, Marcelo Motta. *As minas imaginárias*: o maravilhoso geográfico nas representações sobre o sertão da América Portuguesa – séculos XVI a XIX. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2009.

2. Ver, por exemplo, o mapa de João Teixeira Albernás, *Demonstração da capitania do Espírito Santo até a ponta da barra do Rio Doce*. Além da representação gráfica da Serra das Esmeraldas, encontra-se no mapa, em forma de legenda, a descrição de um roteiro para se chegar a essa tão almejada serra: “Mostrace pelo rio Doce o caminho q se faz pera a Serra das Esmeraldas, pasando o rio Guasiçi e maes avante das cachoeiras o rio Guasiçimiri e maes avante como se entra no rio Una e delle caminhando pouca terra se entra na lagoa do ponto E da qual desembarcão e sobe a Serra das Esmeraldas tudo cõforme a viagem q fez Marcos dazevedo”. Ver ALBERNAS, João Teixeira. *Demonstração da capitania do Espírito Santo até a ponta da barra do Rio Doce*. [1626-1627]. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Reproduzido em: MORENO, Diogo de Campos. *Livro que dá razão do Estado do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura, 1968. p. 25.

3. *Relatório do Governador Antonio Paes de Sande, em que indica as causas do malogro das pesquisas das minas do Sul e propõe o alvitre para se obter de uma maneira segura o seu descobrimento*. [s.l.n.d.]. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 39, p. 197-200, 1917. p. 200.

4. O estudo fundamental sobre as representações edênicas do Novo Mundo, demonstrando a importância das concepções relacionadas à crença na existência física do Paraíso Terreal na ocupação da América Portuguesa, é a obra clássica de Sérgio Buarque de Holanda, *Visão do Paraíso*. Ver HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Brasiliense/Publifolha, 2000.

5. *Relatório do Governador Antonio Paes de Sande, em que indica as causas do malogro das pesquisas das minas do Sul e propõe o alvitre para se obter de uma maneira segura o seu descobrimento*, p. 199.

6. *Informação de Sebastião Cardoso de Sampaio, acerca do relatório antecedente*. Lisboa, 22 de novembro de 1692. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 39, p. 200-202, citação p. 201, 1917. A data deste documento nos permite inferir a época em que o relatório de Antonio Paes de Sande foi escrito.

7. DELVAUX. *As minas imaginárias*, p. 66-70.

8. Pe. COCLEO. *Mapa da maior parte da costa e sertão do Brazil, extraído do original do Pe. Cocleo*. [1700]. Mapoteca do Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro (n. 23-24.2798; CEH 1530). Reproduzido em SILVA, Moacir. *Kilometro zero*. Rio de Janeiro: Oficina Tipografica São Benedicto, 1934.

9. Friedrich Renger ressalta: “As informações geográficas contidas no mapa do padre Cocleo representam uma síntese dos conhecimentos acumulados pelas entradas e bandeiras durante os séculos XVI e XVII, assinalando ainda muitas das fabulosas serras, tais como *Itapuça, Pedra q’ estara* [sic], *luituberaba, M^{te}. q’ resplandece* [ou ainda o] *Morro q’ vai ao Sol*, junto ao qual aparece uma lagoa sem nome (será a Lagoa do Vapabussu?)”. O mapa do padre Cocleo faz parte do acervo do Arquivo Histórico do Exército. Na verdade, trata-se de uma cópia, conhecida pelo nome de *Mapa da maior parte da costa e sertão do Brazil, extraído do original do Pe. Cocleo*. Essa cópia, como aponta Renger, contém referências cujo surgimento é posterior à morte do padre Cocleo, ocorrida em 1710, como as representações de Vila Rica e da vila de Rio das Contas. Ver RENGGER, Friedrich E. Primórdios da cartografia das Minas Gerais (1585-1735): dos mitos aos fatos. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos (Org.). *História de Minas Gerais*: As Minas Setecentistas. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. v. 1, p. 113.

10. DELVAUX. *As minas imaginárias*, p. 101-106.

11. Segundo Teodoro Sampaio, “Esta serra resplandecente, que o gentio, em sua lingua, dizia Itáberába-ocú e que a corruptela em labios portuguezes transformou em Taberaboçú e mais geralmente em Sabaraboçú, vai ser por todo o século seguinte o alvo das mais arrojadas expedições sertanejas conduzidas de S. Paulo em direcção ao valle de S. Francisco”. Ver SAMPAIO, Teodoro. O sertão antes da conquista. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, v. 5, p. 79-94, 1899-1900. p. 93

12. SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 2001. p. 268.

13. *Provisão Régia ordenando ao Governador da Capitania do Rio de Janeiro que desse parecer sobre a proposta de Agostinho Azevedo Monteiro, relativa ao descobrimento de minas no interior do Brasil (acompanhada da parte legível do documento anexo)*. Lisboa, 3 de abril de 1716. In: *Documentos interessantes para a história e costumes de São Paulo*, São Paulo, v. XLIX, p. 193-195, 1929. p. 194-195.

14. ABREU, José Rodrigues. *Historiologia médica, fundada e estabelecida nos princípios de George Ernesto Stahl*. Lisboa: Oficina de Antônio de Sousa da Silva, 1739. t. 2, p. 526.

15. *Carta do Governador da capitania do Rio de Janeiro ao vice-rei do Estado do Brasil sobre os embustes de Manuel Francisco dos Santos, novos descobrimentos de minas, a pedra Tapinhoacanga achada em Goiás por Manuel de Barros, projectos do Governador de S. Paulo, frotas, falta de moeda e ódio que lhe votam nas minas*. Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1730. Luiz Vahya Monteiro. In: *Documentos interessantes para a história e costumes de São Paulo*, São Paulo, v. L, p. 205-207, 1929. p. 205-206.

16. RENGGER. Primórdios da cartografia das Minas Gerais (1585-1735), p. 113.

17. DELVAUX. *As minas imaginárias*, p. 92-97 e 106-112.

18. DELVAUX. *As minas imaginárias*, p. 74 e 91.

19. DELVAUX. *As minas imaginárias*, p. 142-150.

20. Ver nota 2.

21. BARLAEUS, Casper; MARCGRAF, Georg; BLAEU, Joan. *Praefectura de Ciriii, vel Seregippe del Rey, cum Itâpuâma*. Amstelodami: ex typographeio Joannis Blaeu. 1647. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <http://purl.pt/4070>. Acesso em: 2 de agosto de 2010.

22. CORONELLI, Vincenzo Maria. *America Meridionale*. 1691. Instituto Cultural Banco Santos, São Paulo. Reproduzido em: MICELI, Paulo. *O tesouro dos mapas: a cartografia na formação do Brasil*. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2002. p. 222-223.

23. FURTADO, Bento Fernandes. Notícias dos primeiros descobridores das primeiras minas do ouro pertencentes a estas Minas Gerais, pessoas mais assinaladas nestes empregos e dos mais memoráveis casos acontecidos desde os seus princípios. Minas Gerais, [1750]. In: CÓDICE COSTA MATOSO. Coleção das notícias dos primeiros descobrimentos das Minas na América que fez o doutor Caetano da Costa Matoso sendo ouvidor-geral das do Ouro Preto, de que tomou posse em fevereiro de 1749, & vários papéis. Edição crítica de Luciano R. A. Figueiredo e Maria Verônica Campos. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Mineiros, 1999. p. 170.

24. GOUVEIA, Luís José Ferreira de. *Informação das antiguidades da freguesia de Guarapiranga*. Guarapiranga, 10 de dezembro de 1750. In: CÓDICE COSTA MATOSO, p. 257.

25. NOTÍCIA - 3ª prática - *Que dá ao R. P. Diogo Soares, o mestre de campo José Rebello Perdigão sobre os primeiros descobrimentos das Minas Gerais do Ouro*. Ribeirão Abaixo, 2 de janeiro de 1733. In: TAUNAY, Afonso d’E. *Relatos sertanistas*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981. p. 172.

26. Ver nota 11.

27. NOTÍCIA - 3ª prática - *Que dá ao R. P. Diogo Soares, o mestre de campo José Rebello Perdigão sobre os primeiros descobrimentos das Minas Gerais do Ouro*, p. 172.

28. NOTÍCIA - 1ª prática - *Que dá ao R. P. Diogo Soares, o capitão Luís Borges Pinto, sobre os seus descobrimentos da célebre Casa da Casca compreendidos nos anos de 1726-27-28, sendo governador e capitão general D. Lourenço d’Almeida*. [s.l.n.d.]. In: TAUNAY. *Relatos sertanistas*, p. 166.

29. NOTÍCIA - 2ª prática - *Dada pelo alferes ... Moreira ao P. M. Diogo Soares das suas bandeiras no descobrimento do celebrado Morro da Esperança empreendido nos anos de 1731 e 1732, sendo general D. Lourenço d’Almeida*. s.l.n.d. In: TAUNAY. *Relatos sertanistas*, p. 170.

30. NOTÍCIA - 2ª prática - *Dada pelo alferes ... Moreira ao P. M. Diogo Soares das suas bandeiras no descobrimento do celebrado Morro da Esperança empreendido nos anos de 1731 e 1732, sendo general D. Lourenço*, p. 168-169.

31. FURTADO. *Notícias dos primeiros descobridores das primeiras minas do ouro pertencentes a estas Minas Gerais, pessoas mais assinaladas*

nestes empregos e dos mais memoráveis casos acontecidos desde os seus princípios, p. 178.

32. DELVAUX. *As minas imaginárias*, p. 176-177.

33. DELVAUX. *As minas imaginárias*, p. 189-199.

34. DELVAUX. *As minas imaginárias*, p. 202-208.

Marcelo Motta Delvaux é mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Este artigo é derivado das pesquisas sobre a cartografia imaginária do sertão brasileiro, realizadas para o desenvolvimento da dissertação de mestrado *As minas imaginárias: o maravilhoso geográfico nas representações sobre o sertão da América Portuguesa – séculos XVI a XIX*, defendida em 2009 na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / UFMG.